

A REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA E DOS CIENTISTAS NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU: UMA ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO “PERCURSOS DO TEMPO — REVELANDO ITAIPU”¹

Joanna de Assis Patroclo²

Julia Botelho Pereira³

Luisa Massarani⁴

Resumo: Com o objetivo de caracterizar a representação da ciência e do/da cientista no Museu de Arqueologia de Itaipu (Niterói, Rio de Janeiro), analisamos a exposição de longa duração “Percursos do Tempo — Revelando Itaipu”, lançando mão da metodologia de análise de conteúdo qualitativa para tal. Nossa análise identifica na exposição um esforço em estabelecer conexões significativas entre o conhecimento arqueológico acadêmico e os saberes locais na exposição, o que evidencia consciência e reconhecimento da comunidade local como agente ativo na produção e preservação do conhecimento. A prática arqueológica é apresentada como um processo contínuo, socialmente contextualizado, que dialoga com a memória viva da comunidade pesqueira contemporânea. A arqueologia não é apresentada de forma restrita como estudo restrito

¹ Este estudo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) e conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Patroclo e Massarani agradecem à Faperj respectivamente pelas bolsas TCT5 e Cientista do Nosso Estado. Massarani agradece ao CNPq pela bolsa produtividade A.

² Graduada em Museologia e mestre em Museologia e Patrimônio pela UniRio, especialista em Divulgação e Popularização da Ciência pela Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, e em Inovação em Unidades de Informação pela UFSCar. Atuou, entre 2024 e 2025, como bolsista de Treinamento e Capacitação Técnica no Instituto Nacional de Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), sediado na Fiocruz.

³ Graduada em Museologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UniRio); mestre em Divulgação de Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Com foco voltado para pesquisas sobre a comunicação em exposições museológicas desde a graduação, foi bolsista de Iniciação Científica, estagiária da Seção de Museologia do Museu Nacional, bolsista da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz durante o mestrado e bolsista no Programa de Capacitação Institucional do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MCTI/CNPq) entre 2021-2024. Atualmente atua como bolsista no INCT-CPCT e no gerenciamento de textos expositivos no projeto das novas exposições do Museu Nacional (UNESCO/MN - UFRJ).

⁴ Graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestrado em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Doutorado em Gestão, Educação e Difusão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fez doutorado-sanduíche com bolsa da Capes no *Department of Science and Technology Studies (STS)*, da *University College London (UCL)*, pós-doutorado UCL e pós-doutorado na *Oregon State University (OSU)*. Coordena o Instituto Nacional de Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), sediado na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Orientadora na Pós-Graduação em Ensino, em Biociências e Saúde no Instituto Oswaldo Cruz (IOC-Fiocruz), Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBQm-UFRJ) e Mestrado Acadêmico em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da COC-Fiocruz. É Honorary Research Fellow do STS, da University College London. É líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Ciência, Comunicação & Sociedade. É coordenadora de SciDev.Net para América Latina e Caribe. Bolsista Produtividade 1B do CNPq. Cientista do Nosso Estado da Faperj.

de passados distantes, mas como ferramenta valiosa que nos permite refletir sobre processos históricos de longa duração e suas manifestações no tempo presente. Essa construção discursiva da exposição, no entanto, não aparece isenta de momentos em que conseguimos identificar tensões e contradições que revelam os inúmeros desafios enfrentados por instituições museológicas que se esforçam para estabelecer relações mais simétricas e menos verticalizadas entre diferentes formas de conhecimento e sistemas de saber.

Palavras-chave: representação da ciência; representação de cientistas; divulgação científica.

THE REPRESENTATION OF SCIENCE AND SCIENTISTS AT THE ITAIPU ARCHAEOLOGY MUSEUM: AN ANALYSIS OF THE EXHIBITION “PATHS OF TIME — REVEALING ITAIPU”

Abstract: With the aim of characterizing the representation of science and of the scientist at the Museum of Archaeology of Itaipu (Niterói, Rio de Janeiro), we analyzed the long-term exhibition “Paths of Time – Revealing Itaipu” employing a qualitative content analysis methodology. Our analysis identifies in the exhibition an effort to establish meaningful connections between academic archaeological knowledge and local ways of knowing, which demonstrates awareness and recognition of the local community as an active agent in the production and preservation of knowledge. Archaeological practice is presented as a continuous, socially contextualized process that engages in dialogue with the living memory of the contemporary fishing community. Archaeology is not portrayed merely as the study of distant pasts, but as a valuable tool that allows reflection on long-term historical processes and their manifestations in the present. This discursive construction of the exhibition, however, is not free from moments in which tensions and contradictions emerge, revealing the many challenges faced by museum institutions striving to establish more symmetrical and less hierarchical relationships between different forms and systems of knowledge.

Keywords: Representation of science; representation of scientists; science communication.

Introdução

Seguindo as concepções eurocêntricas e ocidentais, espaços cujo objetivo é apresentar aquilo que é reconhecido enquanto conhecimento científico à época remontam aos Gabinetes de Curiosidades que se proliferaram entre as elites europeias a partir do século XV. No entanto, o modelo de museu como conhecemos atualmente se consolida somente ao longo dos séculos XIX e XX na Europa, expandindo-se rapidamente para a América do Norte (Benett, 2018; Gouveia Junior, 2014).

Os museus de arqueologia – tipologia de museu trabalhada neste estudo especificamente – também se inserem na herança dos Gabinetes de Curiosidades⁵ (Bruno, 1996), se estabelecendo no decorrer do tempo como espaços dedicados exclusivamente ao estudo e interpretação dos vestígios materiais de diferentes grupos e sociedades humanas.

A relação entre arqueologia e museus não pode ser pensada fora do contexto colonial que moldou suas práticas iniciais – no qual objetos eram reduzidos a artefatos de um passado distante, descolados das comunidades que os produziram. Essa lógica começou a ser questionada justamente quando a arqueologia latino-americana, a partir dos anos 1940 e 1950, passou a se envolver com pautas decoloniais, especialmente por meio de pesquisas ligadas à demarcação de terras indígenas. Essa virada não foi isolada: nos anos 1970, com o surgimento da Arqueologia Social Latino-americana (ASLA), a antropologia e a arqueologia se entrelaçaram definitivamente, ambas voltadas para a educação patrimonial e para as lutas das comunidades no Sul Global (Denardi, 2005).

Não por acaso, a mesma década viu a museologia passar por sua própria renovação, com museus de etnografia e antropologia assumindo um papel central – afinal, eram espaços onde o objeto não era tratado como obra de arte, mas como vestígio de um cotidiano vivo. Essa mudança não veio de um único lugar: enquanto a França experimentava os ecomuseus, as ex-colônias desenvolviam museologias muitas vezes invisibilizadas e mais radicais em sua proposta de devolver o patrimônio às comunidades (Brulon, 2015b; Brulon, 2009).

Essas especificidades têm o potencial de tornar os museus de arqueologia espaços privilegiados para analisar as representações da ciência e dos cientistas, especialmente em países pós-coloniais como o Brasil. Compreender melhor essas representações se faz fundamental ao entendermos que esses espaços participam não apenas da criação e validação daquilo que é entendido pelo público como ciência, mas também de como essa se apresenta, se comunica e de quem são seus possíveis agentes.

⁵ Os Gabinetes de Curiosidades surgiram na Europa entre os séculos XVI e XVII como espaços privados de coleção, onde se reuniam objetos de origem natural, artística e arqueológica. Esses gabinetes expressavam o interesse encyclopédico e a curiosidade pelo mundo característicos do período, sendo considerados antecedentes dos museus modernos.

Partimos do pressuposto de que exposições museológicas são espaços de disputa simbólica (Bourdieu, 2015; Hall, 2016), em que escolhas são feitas — conscientes ou inconscientes — para construir uma narrativa possível e contingente. Mesmo as decisões aparentemente neutras são atravessadas por crenças, valores e ideologias que refletem as estruturas sociais e culturais de seu tempo. No entanto, na maioria das vezes não sejam apresentadas como tal, como afirmam Uzeda e Gonçalves (2023, p. 326):

Expor, por sua vez, é uma ação que pode ser atravessada pela ótica museológica em diferentes aspectos e a depender sempre dos agentes que possuem a autoridade sobre o objeto exposto. Diferentes corpos, territórios e cosmovisões interpretam seus patrimônios - e interpretam outros patrimônios também - de maneiras diversas e plurais. Podendo o mesmo significante ter significados múltiplos a partir do olhar lançado e do valor escolhido a ser enunciado. Uma exposição museológica, marcadamente lida sobre o olhar museológico, faz o uso consciente desse aparato de poder e autoridade para comunicar aos públicos uma mensagem construída.

Decisões curatoriais reforçam, validam, criam e/ou reproduzem, por suas presenças e ausências, uma representação de ciência que reflete a percepção de ciência tanto da equipe responsável, quanto da instituição museal em questão.

Mais ainda, acreditamos que as exposições museológicas possuem uma capacidade ímpar de influenciar e envolver os visitantes, o que se deve, em parte, ao uso da tríade espaço, tempo e objeto (Martins et al., 2013; Marandino, 2006). O espaço atua como um elemento ativo que, por meio da organização dos objetos e da arquitetura, orienta a percepção e a interação do visitante. O tempo assume uma dimensão singular, referindo-se ao período que o público dedica para visitar o museu, fruir dos conteúdos e conectar-se com as narrativas. Por fim, o contato com os objetos serve como testemunho de um tempo histórico, evidenciado por sua materialidade e originalidade (Hooper-Greenhill, 2000; Mensch, 1989; Pearce, 1994).

Os museus de arqueologia e antropologia, desde o século XIX, frequentemente construíram narrativas evolucionistas e racistas, apresentando culturas não europeias como “estágios anteriores” de um progresso linear que teria culminado na civilização ocidental. Como aponta Moraes Witchers (2015, p. 110), a relação entre arqueologia e museus foi marcada por um “afastamento”, no qual os objetos arqueológicos eram descontextualizados, servindo a discursos que legitimavam o colonialismo. Um exemplo disso é a Exposição Antropológica de 1882, organizada pelo Museu Nacional,

que contrastava o “índio histórico” (idealizado como extinto) com o “índio contemporâneo”, reforçando hierarquias raciais. Como destaca Brulon (2020, p. 17-18), o apagamento das condições de coleta desses artefatos permitia a fabricação de uma “verdade produzida”, justificando a dominação colonial sob a falsa ideia de superioridade europeia.

Sob essa perspectiva, a comunicação em museus deve ser encarada como um processo complexo e passível de um impacto social que extrapola a experiência de visita à exposição. Isso reforça a importância da criação de um discurso expositivo que apresente representações nas quais a mediação entre os acervos e o diálogo com o público seja realizada de forma responsável, inclusiva e crítica. Nesse processo, a escuta ativa e empática torna-se “parte essencial do processo, importante para atração das novas audiências e para o seu envolvimento na cocriação de exposições” (Menezes; Bevílaqua e Falcão, 2018, p. 261).

Diante desse panorama, ainda são escassos os estudos que se propõem a entender como as ciências e os cientistas são representados nas exposições museológicas. Entre os poucos trabalhos nessa linha estão os de Delicado (2008; 2009), Massarani *et al.* (2024) e Pereira *et al.* (2023), que apontam para a prevalência tanto de uma representação descontextualizada histórica e socialmente da ciência, quando de uma visão estereotipada dos cientistas, além de uma prevalência da imagem/ou citação textual de cientistas homens e brancos. Concordamos com as autoras aqui citadas quando debatem a necessidade de ampliação dos estudos nessa área e propomos com esse estudo, colaborar para chamar a atenção aos profissionais de museus sobre a responsabilidade que lhes cabe na veiculação, criação ou reforço de narrativas e representações que reforcem a exclusão ou fomentem a inclusão social na ciência.

1. Percurso Metodológico

Neste estudo, de caráter exploratório, tivemos como objetivo analisar como a ciência e os cientistas são representados na exposição de longa duração do Museu de Arqueologia de Itaipu, localizado em Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Para isso, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo Qualitativa, conforme delineada por Schreier (2012, 2014), aplicada aos textos expositivos e imagens, como detalhado a seguir.

1.1 Breve Contextualização Histórica

Por sua íntima ligação com o território, acreditamos ser pertinente introduzir a história da edificação que hoje abriga o Museu de Arqueologia de Itaipu e seu entorno, até sua transformação em museu.

De acordo com o site do museu , foram encontrados blocos-testemunhos com aproximadamente oito mil anos, provenientes do Sambaqui de Camboinhas. Esses vestígios apontam que no local, atualmente denominado Itaipu, foi habitada por diversos povos sambaquieiros, cuja dispersão é geralmente atribuída a conflitos e ao processo de miscigenação com povos indígenas que posteriormente ocuparam a região (IBRAM, 2014).

Com a colonização portuguesa, a área que atualmente corresponde a Niterói – cidade à qual Itaipu pertence – passou a ser utilizada para o plantio de cana-de-açúcar, sendo habitada por comerciantes locais e pescadores. No século XVIII, mais precisamente em 1764, foi construído o Recolhimento de Mulheres de Santa Teresa, administrado pela Igreja Católica. Essa instituição funcionava como um espaço de correção para mulheres consideradas “desviadas” e acolhia desde freiras e prostitutas arrependidas até mulheres que se recusavam a casar com quem suas famílias determinavam, além de mães solteiras e aquelas deixadas temporariamente por seus responsáveis (Ribeiro, 2007).

Segundo relatos (IBRAM, 2014), as recolhidas viviam em estado de pobreza franciscana devido à falta de recursos financeiros e más condições de habitação. Não há precisão sobre a data de desativação do recolhimento pela Igreja Católica, mas se sabe que, após seu fechamento, o edifício passou a servir como abrigo para crianças órfãs. Depois disso, permaneceu abandonado até o final do século XIX, quando começou a ser utilizado por pescadores para o tingimento de redes. Em paralelo, surgiram residências de pescadores e comerciantes ao seu redor até que, em 1921, foi oficialmente fundada a Colônia de Pescadores de Itaipu (Colônia Z-7).

Seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi efetivado em 1955, tendo sido inaugurado em março de 1977 o Museu de Arqueologia de Itaipu com a exposição de longa duração “Aspectos da pré-história do litoral do Estado do Rio de Janeiro”, que ficou em exibição por trinta e dois anos, até a renovação do circuito expositivo em 2010.

No Art. 2º de seu Regimento Interno consta que:

O Museu de Arqueologia de Itaipu tem como missão promover a valorização da memória das ocupações humanas pré-cabralinas e posteriores de Niterói através da preservação, da pesquisa e da comunicação de seu acervo, visando ao acesso irrestrito aos patrimônios cultural e ambiental (IBRAM, 2024).

De acordo com informações do site do MAI, o acervo do museu é atualmente composto por 1.040 itens, incluindo objetos arqueológicos, antropológicos e etnográficos que abrangem desde a “pré-história brasileira até o período de ocupação do prédio pela Igreja Católica.

1.1 A exposição de longa duração do MAI

O museu exibe na antiga capela do edifício sua exposição de longa duração 'Percursos do Tempo - Revelando Itaipu' (Figura 1). Essa mostra substituiu, em 2010, 'Aspectos da Pré-História do Litoral do Estado do Rio de Janeiro', que estava em exibição desde 1977, data de inauguração do MAI (IBRAM, 2014).

Fig. 1 – Antiga capela que abriga a exposição



Fonte: Visit Niterói (2019)

A exposição demonstra que a ocupação humana em Itaipu pode ser comprovada desde a “pré-história” (IBRAM, 2014, p. 55) com base em vestígios arqueológicos encontrados nas ruínas que abrigam o museu e em sítios da região, como Duna Grande e Camboinhas. Também explora a história da comunidade pesqueira e sua relação com o museu ao longo do tempo, dando ênfase a história das ruínas e sua importância para a preservação da memória local. Seu objetivo autodeclarado de conectar diferentes períodos históricos e evidenciar as transformações da região, aparece no texto introdutório da exposição, onde lemos:

Percursos do Tempo - Revelando Itaipu pretende evidenciar a relação intrínseca de participação da comunidade pesqueira local e de pesquisadores na idealização de um museu que vem se erguendo e se configurando, integralmente, em meio às ruínas do Recolhimento de Santa Teresa, aos sítios arqueológicos Duna Grande, Duna Pequena e Sambaqui de Camboinhas, em um ambiente circunscrito por mar, laguna, montanha e floresta (MAI, s/d).

A exposição está instalada na antiga capela do Recolhimento de Santa Teresa, espaço que passou por obras de adaptação em 2009 para receber o acervo⁶. As quatro coleções que compõem a mostra estão dispostas no mesmo ambiente – a capela –, cada uma representando um aspecto distinto da ocupação histórica da região.

A Coleção Hildo de Melo Ribeiro reúne material arqueológico coletado informalmente pelo fiscal ambiental, incluindo fragmentos cerâmicos e instrumentos líticos provenientes do sítio Duna Grande. Os Blocos-Testemunhos do Sambaqui de Camboinhas consistem em amostras estratigráficas com conchas, ossos e artefatos líticos recuperados durante escavações realizadas pelo Museu Nacional em 1979.

A Coleção Remanescente do Recolhimento de Santa Teresa é formada por fragmentos encontrados *in situ* durante intervenções no próprio edifício. Por fim, a Coleção Aureliano Mattos de Souza apresenta objetos pessoais doado por um antigo morador da vila de pescadores, oferecendo um contraponto aos demais conjuntos de caráter arqueológico.

⁶ Informação disponível no site do museu <<https://museudearqueologiadeitaipu.museus.gov.br/historia-do-museu/>>. Acesso em 05 de maio de 2025.

1.2 Sobre a coleta de dados

A coleta de dados ocorreu em 27 de agosto de 2024, por meio de registros fotográficos e em vídeo de todos os textos e as imagens presentes na exposição. Esses materiais foram transcritos seguindo sua disposição original no espaço expositivo. Por fim, com base nas diretrizes de Margrit Schreier (2014; 2012), procedeu-se à sistematização das informações em um quadro de codificação.

1.3 Análise de Conteúdo Qualitativa

A Análise de Conteúdo Qualitativa começa com a criação de um sistema de categorias e subcategorias, que deve seguir três princípios básicos: unidimensionalidade, exclusão mútua e exaustividade (Schreier, 2014). Conforme o primeiro princípio, cada categoria deve tratar de aspectos claros e distintos, sem sobreposições. O segundo princípio busca assegurar que cada trecho de texto seja classificado em apenas uma subcategoria em uma mesma categoria. O último busca garantir que todos os elementos relevantes do material analisado sejam abrangidos por alguma categoria ou subcategoria (Schreier, 2012).

O conteúdo de cada categoria deve estar diretamente relacionado aos objetivos da pesquisa, refletindo, em parte, a questão central do estudo. Já as subcategorias destacam aspectos específicos do material que se conectam ao tema principal da categoria à qual pertencem (Schreier, 2014). Com base nesses critérios, elabora-se o quadro de codificação, que passa por uma revisão final para ajustes, garantindo sua adequação ao objeto de análise.

Desta forma foi elaborado um quadro de codificação - que será apresentado completo na sessão referente a discussão dos resultados. A base para a sua estruturação foi definida conforme os pontos de interesse da pesquisa, enquanto as subcategorias emergem do conteúdo analisado, como descrito no quadro 1.

Quadro 1 - Categorias de Análise da Exposição

Categoria	Descrição
1. O MAI	Busca menções a temáticas institucionais que ultrapassam a exposição.
2. A Exposição	Refere-se ao conteúdo da exposição e

	motivação para a sua realização.
3. A Produção Científica	Identifica como a produção científica é representada nos textos da exposição.
4. Cientistas	Analisa como os cientistas são representados nos materiais da exposição.
5. Campos Científicos Citados	Refere-se aos campos científicos citados nominalmente.

Fonte: Elaboração própria

A consistência da codificação é verificada comparando duas etapas distintas de classificação. Para isso, os mesmos trechos de texto e imagens - quando houver - devem ser analisados em ambas as rodadas, exigindo uma segmentação prévia do material em unidades de codificação antes da primeira etapa (Schreier, 2012). Essa segmentação pode ser feita de duas maneiras: formal ou temática. Na primeira, as unidades são definidas por critérios estruturais, como palavras, frases ou parágrafos. Na segunda, são organizadas por temas específicos, cada um representando uma ideia ou conceito distinto.

Neste estudo, optou-se pela segmentação temática. Após a definição do quadro de codificação e a garantia de sua consistência, inicia-se a análise propriamente dita, que envolve duas rodadas de codificação. Nessa fase, não são permitidas alterações ou inclusões no quadro, sendo essencial assegurar sua confiabilidade e validade antes do início das rodadas, por meio dos procedimentos de verificação de consistência já mencionados.

2. Resultados e discussão

Como determinante no procedimento da Análise Qualitativa de Conteúdo (SCHEIRER, 2014), o quadro de codificação (Quadro 2) é o principal produto deste trabalho, pois, por meio dele, temos acesso ao conteúdo total analisado de forma sistematizada. Além disso, ele mostra a frequência de aparecimento ou ausência de temas, servindo como base para as inferências que faremos.

Quadro 2 – Quadro de Codificação

Categoria	Subcategoria	Frequência
1. O MAI	a. Diretrizes e missão institucional	1
	b. História do local que abriga o museu, história da comunidade local, seu entorno e sua relação com a formação do acervo do museu	7
Total da categoria		8
2. A Exposição	a. Motivação para sua realização e referências ao seu conteúdo	4
Total da categoria		4
3. A produção científica aparece	a. Afirmações gerais sem embasamento evidencial ou análise interpretativa	4
	b. Descrição detalhada dos processos interpretativos empregados	5
	c. Apresentação de evidências sem uma explicitação dos processos interpretativos envolvidos	3
Total da categoria		12
4. Cientistas	a. Por meio de menções que explicitam seu ofício como cientista	1
Total da categoria		1
5. Campos científicos citados	a. Arqueologia	2
Total da categoria		2
Total geral das categorias		27

Fonte: Elaboração própria

Seguindo a ordem das categorias, identificamos uma maior ocorrência da categoria 1 - O MAI, nos textos introdutórios de cada momento do circuito. Esses textos apresentam a importância da renovação do circuito expositivo e os temas abordados na exposição, além de apresentar a missão institucional e história da instituição, informações que consideramos essenciais para situar o público.

A subcategoria 1b, a mais frequente no quadro de codificação, evidencia como a exposição trata a relação entre as ruínas, a vila de pescadores no entorno e o museu, demonstrando a ligação desses elementos na constituição do acervo e da própria instituição. O histórico da instituição é apresentado primeiro no que se refere ao

contexto natural e social de Itaipu, destacando o papel da comunidade na construção do acervo e na fundação do MAI, como evidenciado a seguir:

O Museu de Arqueologia de Itaipu tem sua criação e sua atuação estreitamente vinculadas ao ambiente natural e ao contexto sócio-econômico em que se encontra inserido. [...] Essa comunidade de pescadores exerceu um papel significativo na construção da história do museu [...] O histórico de constituição desse museu insere-se na lógica orgânica local de compreensão, apropriação e conservação do ambiente natural em que está situado. (Mai, s/d).⁷

E na sequência tratando da história do edifício que abriga o museu, como apresentado abaixo:

[...] No século XVIII d.C., quando a dominação colonial portuguesa na América já estava em curso há mais de dois séculos, ergueu-se à beira da praia de Itaipu um recolhimento religioso [...] O edifício, ainda que pequeno, é forte, bem edificado, mas tão mal conservado (Mai, s/d).⁸

A subcategoria 2a, aparece predominantemente nos dois textos introdutórios do circuito expositivo. Esses textos destacam que a inauguração da exposição não se limita à atualização do discurso expositivo, mas que está associada à implementação de novas políticas museais pelo recém-criado Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), como evidenciado na seguinte passagem:

O Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI) dá início à renovação de seu discurso museológico com uma nova exposição de longa duração: Percursos do Tempo - Revelando Itaipu [...] Essa exposição revela uma nova fase do Museu de Arqueologia de Itaipu, que vem ao encontro das diretrizes institucionais do IBRAM, promovendo um diálogo constante com a comunidade ao redor e contribuindo para sua visibilidade como uma instituição de memória que se mantém viva (Mai, s/d).⁹

Na sequência, a categoria 3 é a que mais se destaca, revelando aspectos importantes sobre a maneira como a produção científica é apresentada na exposição. As subcategorias 3a, 3b e 3c têm uma distribuição equilibrada quanto ao número de ocorrências, sendo a 3b a mais frequente. Isso indica que a exposição demonstra uma

⁷ Unidade de codificação inserida da categoria 1. O MAI.

⁸ Idem.

⁹ Unidade de codificação inserida da categoria 2. A Exposição.

preocupação em evidenciar os processos interpretativos utilizados para fundamentar as afirmações presentes nos textos.

Ao analisar as subcategorias, os dados indicam que, embora a 3a não seja a mais frequente, seu expressivo número de ocorrências sugere que os textos enquadrados nela embora se fundamentam em pesquisas científicas para sustentar suas narrativas não mencionam métodos do processo científico, como no trecho:

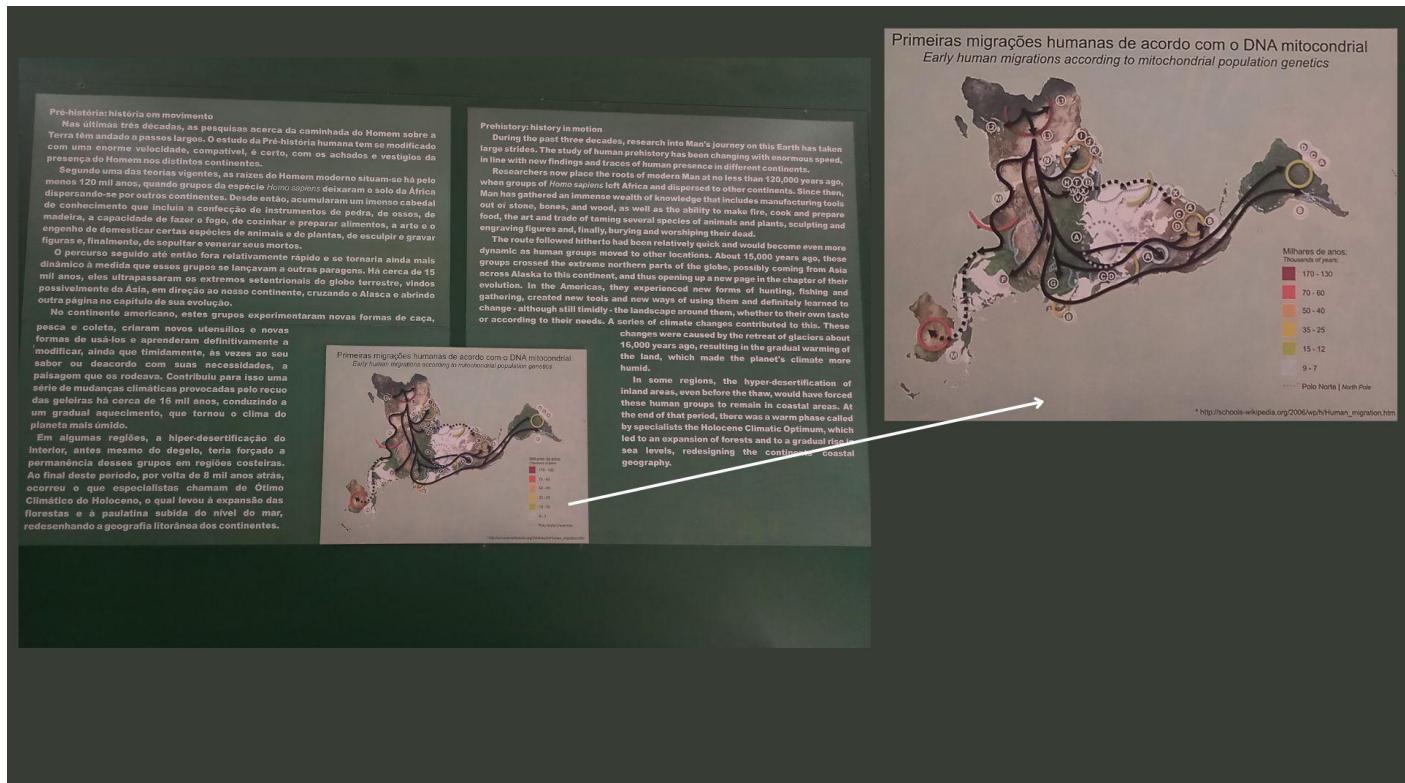
Nesta sepultura, apenas a parte superior do esqueleto está visível. Embora alguns ossos estejam na posição anatômica original, outros sofreram deslocamentos causados pela movimentação do solo arenoso e por fatores ambientais (Mai, s/d).¹⁰

Ao realizar a leitura percebemos que a passagem traz informações sobre o sepultamento e as características físicas do indivíduo sepultado, mas não explica claramente os processos que levaram a essas conclusões. A falta de referências às fontes e aos métodos utilizados não permitem ao leitor o entendimento do conhecimento que embasa tais afirmações. Quais foram os métodos científicos empregados para determinar as características físicas do indivíduo mencionado? E como a movimentação do solo arenoso e os fatores ambientais impactaram na preservação desse esqueleto? Como apontam Delicado (2008) e Pereira et al. (2023), a omissão de métodos reforça uma visão da ciência que se apresenta como resultado e não como processo.

Já a categoria 3b é segunda subcategoria com maior frequência no quadro e também onde se insere a única utilização de imagem de apoio observada em todos os textos do circuito expositivo (Imagen 1).

¹⁰ Unidade de codificação inserida da categoria 3. A produção científica aparece.

Fig. 2 - Mapa das primeiras migrações humanas conforme o DNA mitocondrial



Fonte: Elaborada pelas autoras (2024)

As unidades codificadas nessa subcategoria evidenciam os processos interpretativos utilizados para fundamentar as afirmações feitas no texto, como o trecho a seguir:

O estudo da Pré-história humana se modificou com uma enorme velocidade, compatível, é certo, com os achados e vestígios da presença do Homem nos distintos continentes. 120 mil anos, quando grupos de *Homo sapiens* deixaram o leste da África e foram se dispersando-se por outros continentes. Desde então, acumularam um imenso cabedal de conhecimento que incluía a confecção de instrumentos de pedra, de ossos, de madeira, a capacidade de fazer o fogo, de cozinhar e preparar alimentos, a arte e o engenho de domar certas espécies de animais e de plantas, de esculpir e gravar figuras e, finalmente, de sepultar e venerar seus mortos. O percurso seguido até então fora relativamente rápido e se tornaria ainda mais dinâmico à medida que esses grupos se moveriam a outras paragens. [...] Em algumas regiões, a hiper-desertificação do interior, antes mesmo do degelo, teria forçado a permanência desses grupos nas regiões costeiras. Ao final deste período, por volta de 8 mil anos atrás, ocorreu o que especialistas chamam de Ótimo Climático do Holoceno, o qual levou à expansão das florestas e à paulatina subida do nível do mar, redesenhandando a geografia litorânea dos continentes.¹¹

¹¹ Unidade de codificação inserida da categoria 3. A produção científica aparece.

Este trecho explora o processo de interpretação dos termos “Itaipu” e “sernambi”, estabelecendo uma conexão entre suas origens linguísticas e a presença dos primeiros habitantes do litoral, antes da chegada dos europeus. O texto não se limita a apresentar os termos, mas vai além, analisando suas origens e significados detalhadamente.

Seguindo, a subcategoria 3c contempla unidades de codificação trechos onde as evidências materiais são citadas, mas não os processos de interpretação como no trecho “Estas populações ocuparam não somente os sítios antigos como a Duna Grande, mas também suas imediações, mostrando a importância de considerar um conjunto de sítios arqueológicos” (Mai, s/d).¹² Ou seja, indica-se que esses grupos desenvolveram atividades como a produção de cerâmica, mas não são detalhados os métodos interpretativos utilizados para quantificar esses aspectos sociais e culturais. Essa falta de explicitação dos processos interpretativos envolvidos na produção científica incorre no risco de criar para o visitante uma imagem de ciência que se dá de forma “espontânea”, como se as informações fossem passíveis de serem obtidas pela simples observação dos vestígios encontrados.

Na categoria 4, encontra-se uma única referência explícita ao trabalho de um cientista, Karl Friedrich Philipp von Martius, botânico e etnógrafo, que registrou os termos “Itaipu” e “sernambi” em um glossário do século XIX - apresentado como explicitamente pela exposição como cientistas, mas sem o uso de imagens que mostre sua figura ao público. Esta referência, embora significativa, se destaca por ser a única na categoria, sem outras fontes científicas adicionais no contexto da exposição.

Por fim, na categoria 5 - que se refere aos campos científicos mencionados - identificamos somente a referência à arqueologia. Há menções ao nome campo científico, mas não são explicados os processos envolvidos na produção de conhecimento pelos profissionais do campo, como coleta, análise e interpretação dos dados. A ausência dessa ligação entre campo científico e seus processos de produção de conhecimento pode dificultar e/ou mesmo impedir, para o visitante leigo, sua conexão com o conteúdo apresentado na exposição.

¹² Idem.

Postos nossos resultados, acreditamos ser possível dizer que os padrões revelados podem ser usados como ponto de partida para reflexões sobre a produção/reprodução de representações da ciência e dos cientistas identificadas na exposição em oposição aos debates contemporâneos nos quais o MAI propõe-se a se inserir por meio das atividades que desenvolve, como a teoria decolonial e a museologia social¹³.

Tendo como gancho a importância das exposições no que tange a tríade espaço, tempo e objeto (Martins *et al.*, 2013; Marandino, 2006), nos cabe fazer algumas considerações sobre a exposição estudada. Embora inaugurada em 2010, ou seja, há 15 anos, é possível notar um esforço por parte da instituição para aproximação entre museu, ciência, o território e seus públicos (categorias 1, 2 e 3b), apesar da ocorrência de representações da ciência feita de maneira descontextualizada (categoria 3a) identificadas em nossa análise.

Como demonstra a entrevista de uma das museólogas responsáveis por sua montagem:

Ela é a primeira que representa os pescadores, mas ainda nessa postura de “eu represento os pescadores”, não eles se representando. Então, eu acho que ela foi uma exposição... A princípio, quando eu comecei a fazer a pesquisa eu achava que ela era uma exposição meio ruim nessa perspectiva da representação dos pescadores, mas depois olhando todas as outras e olhando pro que o museu tinha feito, achei que ela na verdade era um passo firme, sabe? Acho que foi um passo bem dado do museu. Porque ela tenta trabalhar naquele espaço, que é pequeno, três temáticas que são importantes: que é a arqueologia, mesmo, a partir dos vestígios, a arqueologia pré-histórica; a arqueologia histórica, que é o recolhimento, que a gente não tem muita coisa; e uma vitrine sobre os pescadores, que é um eixo que por mais que tenha sido a gente do museu falando, acho que foi uma boa iniciativa. No final cheguei à conclusão de que foi uma boa iniciativa, mas não o suficiente, sabe? (Araujo, Mirela Leite de. Entrevista concedida a Denis, André Filipe Teixeira . Niterói, 2017).

Essa fala é importante, por demonstrar que membros da equipe do museu reconhecem a importância do esforço e comprometimento com a inclusão e horizontalização das narrativas, e reconhecem que a exposição ainda conserva algumas estruturas verticalizadas no que tange a produção e validação do que está exposto.

¹³ A Museologia social é uma abordagem que prioriza a participação comunitária, a democratização do patrimônio e a transformação sociocultural, integrando memória, identidade e território como pilares fundamentais (Chagas, Gouveia, 2014).

Especificamente no que diz respeito é representação da ciência, “temas complexos têm sido debatidos pela Arqueologia Brasileira, como a colonização, os imperialismos [...] as críticas feministas e a abordagem das assimetrias que permeiam os olhares científicos [...]” (Witchers, Ribero e Bruno, 2018, p.). Nesse sentido vale atentar para a ausência desses questionamentos na exposição, que apresenta uma arqueologia sem conflitos e na minimização do importante papel desempenhado por mulheres na preservação do prédio histórico e no campo da arqueologia¹⁴ onde tem e tiveram forte atuação. Essas ausências não são neutras, e colaboraram na perpetuação de hierarquias de gênero e saber (Santos e Moura, 2023).

É fundamental reconhecer os museus também como locais legitimadores de narrativas, com características particulares que tendem a influenciar a percepção do público do conteúdo das exposições como algo natural, embora ele seja justamente o oposto. No que diz respeito especificamente à construção de narrativas e representações das ciências, essa questão não é nova. Latour (1987) já abordava esse fenômeno ao descrevê-lo como “*black box*”, uma metáfora que ilustra como os processos complexos da ciência são frequentemente simplificados ou omitidos, com foco somente nos resultados. Cascais (2011) vai na mesma linha, nomeando essa tendência de “mitologia dos resultados”. Indo além, Figueirôa (2023) e Krenak (2022) atentam para a necessidade de uma mudança mais ampla de paradigma, que reconheça e incorpore práticas científicas a partir de contextos decoloniais e que incluam e valorizem saberes diversos e marginalizados reflexão é aprofundada por (Miglievich-Ribeiro, 2014 *apud* Virginio *et al.*, 2023, p. 56) quando afirmam que

As proposições decoloniais avançam não apenas com o propósito de evidenciar essas deformações advindas da colonialidade, mas, sobretudo, de apontar caminhos e reflexões que reconheçam uma ciência decolonial, cuja tessitura reivindique a contextualização das categorias explicativas e normativas no bojo da naturalização e absolutização do saber hegemônico.

Tal modo de veicular a ciência é particularmente complexo quando aplicado aos museus, instituições que por si só já carregam o peso de legitimar narrativas, nesse sentido, é necessário [...] pensar a respeito do modo como uma mensagem é produzida e transmitida, e quais os efeitos provoca [...] (Dias, 2025, online). A ciência apresentada

¹⁴ Apenas Karl Friedrich Philipp von Martius é mencionado nos textos.

como algo independente e deslocado da sociedade, ao invés de como processos em um campo dinâmico, marcado por tentativas, erros e revisões, as exposições tendem a destacar somente os resultados bem-sucedidos (Lopes, 2009). Essa apresentação descontextualizada pode criar uma visão idealizada e simplificada do que é o processo de produção de conhecimento, reforçando uma visão distorcida e ideológica, podendo ser utilizada para balizar certos conceitos que refletem escolhas que privilegiam certas visões de mundo em detrimento de outras (Santos e Moura, 2023).

3. Considerações finais

A análise do Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI) revela uma relação complexa e multifacetada entre ciência, patrimônio e comunidade. A exposição “Percursos do Tempo - Revelando Itaipu” evidencia um esforço consciente em estabelecer conexões significativas entre o conhecimento arqueológico acadêmico e os saberes locais, especialmente por meio da valorização de coleções como as de Hildo de Mello Ribeiro e Aureliano Mattos de Souza. Essas iniciativas representam uma tentativa genuína de reconhecer a comunidade local não somente como receptora passiva, mas como participante ativa na produção e preservação do conhecimento.

O MAI distingue-se por apresentar a prática arqueológica como um processo contínuo e socialmente contextualizado. Por meio de recursos expositivos como os blocos testemunho e a maquete didática, a exposição torna visíveis os métodos e procedimentos da pesquisa arqueológica, contribuindo para desconstruir a imagem do cientista como único detentor do conhecimento válido. Esta abordagem é complementada pela incorporação de figuras locais como Hildo de Mello Ribeiro na narrativa museológica, embora esta inclusão apresente suas próprias contradições e limitações.

Uma das contribuições mais relevantes do MAI reside na articulação coerente entre vestígios pré-históricos, a história colonial e a memória viva da comunidade pesqueira contemporânea. Essa abordagem integrada permite compreender a arqueologia não como mero estudo de um passado isolado, mas como ferramenta valiosa para refletir sobre processos históricos de longa duração e suas manifestações no tempo presente. Embora não tenha sido foco de análise neste estudo, as atividades educativas desenvolvidas pelo museu reforçam esta perspectiva ao estabelecer ligações

tangíveis entre o patrimônio arqueológico e as experiências cotidianas da comunidade local.

A exposição oferece contribuições valiosas para a reflexão sobre o papel social dos museus arqueológicos na contemporaneidade. Ao buscar articular conhecimento científico e saberes locais, o museu aponta caminhos promissores para uma museologia mais dialógica e contextualmente sensível. No entanto, como demonstrado na análise, essa construção não está isenta de tensões e contradições, revelando os desafios persistentes na tentativa de estabelecer relações mais simétricas entre diferentes formas de conhecimento e sistemas de saber.

Isto posto, identificamos áreas que acreditamos pudessem ser melhor desenvolvidas na exposição, bem como a persistência de tensões não resolvidas no discurso expositivo. A explicitação mais clara das controvérsias científicas e dos debates acadêmicos, por exemplo, poderia acrescentar profundidade e complexidade à narrativa expositiva. Por outro lado, a distinção terminológica observada entre “fontes científicas” (utilizada para os Blocos-Testemunhos) e “itens doados” (empregada para designar as contribuições comunitárias) revela – de forma intencional ou não – a permanência de hierarquias que separam o conhecimento científico institucionalizado dos saberes locais. Essa nuance sutil, porém significativa, ilustra os desafios concretos enfrentados na implementação de um modelo museológico verdadeiramente dialógico.

Por fim, a experiência do MAI sugere que a arqueologia, quando concebida como prática socialmente comprometida e temporalmente situada, possui o potencial de transcender sua função tradicional de estudo do passado para se tornar um instrumento relevante de reflexão crítica sobre o presente. Esse potencial, indica direções frutíferas para o desenvolvimento de uma museologia que alie rigor científico com relevância social, contribuindo para repensar o papel dos museus como espaços de produção e circulação de conhecimento no século XXI.

4. Referências

ANDRADE, Mário de. **O trabalho do arte-educador em museus**. São Paulo: Edusp, 2005.

ARAÚJO, Carlos Alberto. **Museologia: correntes teóricas e consolidação científica**. *Revista Museologia e Patrimônio*, UNIRIO/MAST, v. 5, n. 2, p. 15–30, 2012.

ARAÚJO, Mirela Leite. **Entrevista concedida a André Filipe Teixeira Denis.** Niterói, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp, 2015.

BRULON, Bruno. **A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines e a prática da museologia experimental.** *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 267–295, ago. 2015.

BRULON SOARES, Bruno C. **Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu.** *Senatus*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 32–41, dez. 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Arqueologia da paisagem: uma introdução.** São Paulo: Annablume, 1996.

CASCAIS, António Fernando. **Divulgação científica: a mitologia dos resultados.** In: SOUZA, C. et al. (org.). **A comunicação pública da ciência.** São Paulo: Cabral Editora, 2017. p. 65–77.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. **Museologia social: reflexões e práticas.** *Cadernos do CEO*, Chapecó, v. 27, n. 41, p. 9–22, 2014.

DELICADO, Ana. **Microscópios, batas brancas e tubos de ensaio: representações da ciência nas exposições científicas.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 83, p. 79–98, 2008.

GONÇALVES, Pedro Marco; UZEDA, Helena Cunha de. **Fruição e possibilidade no palácio-floresta: o olhar museológico e a presença indígena na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.** *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 322–339, 2024.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museus e a interpretação da cultura visual.** Porto: Porto Editora, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Portaria nº 2.903, de 8 de maio de 2024.** *Diário Oficial da União*, Brasília, seção 1, p. 42, 8 maio 2024.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX.** São Paulo: Hucitec, 2009.

MASSARANI, Luisa et al. **A ciência e os cientistas no Museu de Astronomia e Ciências Afins.** *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 27, 2024.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU. **História do Museu.** Disponível em: <https://museudearqueologiadeitaipu.museus.gov.br/historia-do-museu>. Acesso em: 5 maio 2025.

PEREIRA, J. et al. **Representações da ciência e de cientistas no Museu de Ciências da Terra.** *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 12, n. 24, p. 284–305, 2023.

RIBEIRO, Diego Lemos. **A ciência da informação em ação: um estudo sobre os fluxos da informação no Museu de Arqueologia de Itaipu.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Niterói, 2007.

SCHREIER, Margrit. **Qualitative content analysis in practice.** London: SAGE, 2012.

VISIT NITERÓI. **Vista da Orla de Guanabara em Niterói.** 2019. Disponível em: <https://visit.niteroi.br/orla-guanabara>. Acesso em: 2 jan. 2025.